

jogo Econ. Brasil

MARCO ANTÔNIO ROCHA

ECONÔMICO

O espasmo monetarista que tomou conta do Banco Central parece que resultou de um erro de cálculo. Ou talvez de uma falta de cálculo. Naqueles dias angustiantes que precederam o lançamento do Plano Bresser, o governo, sem programa nenhum nas mãos, sem ter por onde se orientar, sucumbiu de uma lado ao pânico, de outro aos pleitos e pressões políticas.

Um dia antes do Plano Bresser, debaixo do fogo fátuo dos lídimos representantes de nossa vida pública, o governo, atarantado, resolveu aliviar a situação das pequenas e médias empresas, supostamente à beira da falência, e abriu linhas de crédito que todos os líderes do setor consideraram insuficientes, mas que, diante do quadro monetário pré-existente e subsequente, se revelaram excessivas. Em cima disso veio a expansão do saldo comercial e sua conversão em moeda nacional. O resultado foi a derrama que agora se tenta conter.

Esse na verdade é apenas mais um fator de pressão inflacionária que não deveria ter aparecido. É suposto, nesse tratamento heterodoxo da inflação, que nem todas as pressões de custo, pressões inflacionárias, possam ser eliminadas no momento do choque. Mas é óbvio que a criação de novas pressões inflacionárias, posteriores ao choque, é uma demasia desnecessária e perigosa.

O governo, uma ilha cercada de pressões por todos os lados.

14 AGO 1987

Há muita tensão na equipe econômica a respeito da possibilidade de uma saída controlada e serena do congelamento de preços. As pressões de custo são muito grandes, reconhecidamente grandes, e qualquer vacilação ou erro pode precipitar de novo aquele processo de salve-se quem puder do final do ano passado, que jogou por terra não apenas o Plano Cruzado mas também seu condottieri.

De qualquer maneira, por enquanto, o problema é apenas potencial. A inflação de agosto (oficial), já medida a esta altura, deve ser um pouso superior à de julho, e o problema é quando ela der o saldo, ou seja, quando passar o efeito amortecedor do "vetor" e a taxa oficial se aproximar da real.

A idéia de que a inflação se estabilize em torno de 10% ao mês vem sustentando o ânimo da equipe econômica, mas é uma idéia tirada do bolso do colete, para dizer o mínimo. É antiga. Houve uma estabilização da inflação em torno desse nível no passado. Mas, por que isso se repetiria? Em nossa opinião, existem tantas chances de o fenômeno se repetir quanto de não se repetir. De um lado, porque no passado havia um esforço estabilizador enorme da parte do governo, que se refletiu em pronunciada recessão. Essa recessão pode não ter liquidado a inflação, conforme dizem, com acerto os

economistas da Nova República, mas certamente teve algum papel importante na sua estabilização. Hoje, na verdade, o esforço estabilizador por parte do governo é muito mais cosmético — a nível dos preços — do que propriamente funcional. Além disso, os agentes econômicos estão sumamente excitados com as expectativas e não "conformados" com uma determinada taxa como aconteceu no tempo dos 10%. Portanto, é lícito indagar sobre qual o fator que conteria a inflação nos 10% mensais, uma vez alcançada essa taxa.

Alguém no Palácio do Planalto deve ter chegado à conclusão de que o público está com a atenção por demais voltada para a inflação, a recessão, o sucesso ou o insucesso do Plano Bresser e achando que o combate a semelhante estado de espírito seria bem conduzido, se a atenção da opinião pública fosse atraída para fatos "positivos". Daí a volta ao noticiário dos planos da Ferrovia Norte-Sul, acompanhada do anúncio do pólo petroquímico, pólo de fertilizantes, reaparelhamento dos portos etc. Tudo como se o Brasil estivesse na era JK. Não está. E a diferença fundamental é que a opinião pública está muito melhor instruída hoje em dia. Todo mundo sabe que não há nem vai haver grana para materializar essas intenções. Portanto, elas não animam nem entusiasmam ninguém. Nem mesmo os empreiteiros.